

OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NO PERÍODO PANDÊMICO DA COVID – 19

THE PEDAGOGICAL CHALLENGES FACED BY TEACHERS IN THE PANDEMIC PERIOD OF COVID – 19.

Gabrielle Padilha Antunes¹

Ricardo Luiz de Bittencourt²

RESUMO: Este artigo fala sobre os desafios que professores da rede municipal de Criciúma/SC encontraram no período de pandemia. Os objetivos da pesquisa foram analisar os principais desafios que os professores enfrentaram. Registrando os principais desafios, analisando as estratégias adotadas pelos professores e compreender os fatores que produziram estes desafios profissionais. Uma pesquisa de campo, focalizada em um grupo específico onde se baseia nas observações do mesmo. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, as entrevistas foram feitas com professores que trabalharam no ano de 2020 no período de pandemia. As entrevistas foram gravadas e transcritas para oito páginas que foram divididas em três blocos, que são o painel dos sujeitos pesquisados, o trabalho pedagógico em transformação e os desafios da prática pedagógica. Foram usados nomes fictícios para cada professora para manter a identidade de cada uma. Os principais autores foram Ferreira, Santos, Rigolon (2014); Macedo (2021). Santos, Junior (2020); Souza (2021); Paludo (2020); Olegario (2022); Palú, Schutz, Ayler (2020), que trazem os relatos sobre as dificuldades que os professores e escolas passaram com a COVID-19. Tiveram que reinventar a prática pedagógica, os instrumentos que mais foram utilizados no período de pandemia pelos alunos e as estratégias adotadas.

PALAVRAS CHAVE: Desafio de professores. Aulas remotas. Pandemia COVID-19.

ABSTRACT This article talks about the challenges that teachers from the municipal network of Criciúma/SC faced during the pandemic period. The objective of the research is to analyze the main challenges that teachers have encountered. Recording the main challenges, analyzing the strategies adopted by teachers and understanding the factors that produced these professional challenges. Field research, focused on a specific group, based on observations of the same group. The instrument used was the semi-structured interview, the interviews were carried out with teachers who worked in the year 2020 during the pandemic period. The interviews were recorded and transcribed to eight pages that were divided into three blocks,

¹ Graduanda em Pedagogia – UNESC. gabrielleantunes01@gmail.com

² Doutor em Educação. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas, Saberes e Práticas de Formação de Professores, rlb@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, n°1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

which are the panel of the researched subjects, the pedagogical work in transformation and challenges of pedagogical practice. Fictitious names were used for each teacher to maintain their identity. The main authors were Ferreira, Santos, Rigolon (2014); Macedo (2021). Santos, Junior (2020); Souza (2021); Paludo (2020); Olegario (2022); Palú, Schutz, Ayler (2020), that bring the reports about the difficulties that teachers and schools went through with COVID-19. They had to reinvent pedagogical practice, the instruments that were used most in the pandemic period by students and the strategies adopted. Data collected and analyzed together with the theoretical framework. With the results achieved with the research, the initial objective of this article was achieved, to analyze the main challenges encountered by teachers.

KEYWORDS Challenges of teachers, remote classes, pandemic COVID – 19.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, passamos por situações que deixaram o mundo em uma pausa sem saber ao certo o que esperar, por conta de um vírus, COVID – 19, de origem desconhecida, a princípio, que se espalhou rapidamente. Algo que se alastrou pelos países, estados e cidades, deixando pessoas em pânico, sem saber o que esperar dos próximos meses. Por conta da COVID – 19, as aulas foram suspensas a partir do dia 18 de março de 2020. A paralisação duraria dois meses e esperávamos que após esse período voltasse ao normal, cumprindo com o ano letivo a tempo de recuperar os conteúdos. Passaram dois meses e os casos de COVID – 19 tiveram um aumento muito maior que o esperado. Assim as redes de educação de todos os estados buscaram alternativas de como dar continuidade às aulas.

Com a pandemia se tornou nítido que a sociedade se adaptou a novos modos de viver, dependendo da necessidade. Essa situação fez com que pensássemos em novas alternativas ao modo de viver, produzir, consumir e conviver, com cerca de 600 mil pessoas que perderam a vida, causando graves consequências em várias áreas, economia, educação e saúde. Houve alterações nas escolas, deixando de ofertar o modelo de ensino presencial migrando para o remoto. A rede de ensino do estado de Santa Catarina teve o desafio de disponibilizar atividades não presenciais para os estudantes, garantindo o acesso aos trabalhos pedagógicos no período de isolamento, devido a pandemia da COVID – 19. O caminho adotado pelo estado foi utilizar uma plataforma já existente, onde na mesma continha diferentes ferramentas que permitiam

que os alunos acessassem as atividades pedagógicas, atendendo às necessidades das escolas, professores e estudantes no ensino remoto.

Foi possível sentir o estremecimento das escolas, que imediatamente tiveram que buscar alternativas para não comprometer o processo de ensino e aprendizagem. Numa conversa informal com uma diretora ela relatou como foi para a escola no início da pandemia, onde houve uma breve formação com todos, mas houve muita dificuldade por conta da falta de acesso às tecnologias, tanto para professores, quanto para os alunos. Disse ainda, que alguns professores tiveram que comprar computadores novos para continuar trabalhando. Os professores tiveram formações contínuas, e algo que a diretora notou, foi a parceria entre os docentes, onde aquele que sabia mais sobre tecnologia auxiliou aquele que ainda não havia aprendido. Na escola dessa diretora, maior parte das família utilizaram as atividades impressas.

O intuito desta pesquisa foi de analisar quais desafios que os professores de escolas públicas da rede municipal de Criciúma/SC, encontraram em meio a pandemia. Os objetivos específicos foram encontrar os principais desafios nas práticas pedagógicas, fazer uma análise de quais estratégias os docentes adotaram para superar os desafios e compreender quais os fatores que produziram esses desafios.

O tema surgiu através de uma conversa informal com colegas de graduação sobre a prática do estágio obrigatório, que aconteceu por meios tecnológicos. Conversamos sobre como foi difícil para nós acadêmicos, que já temos um contato um pouco maior e diário com a tecnologia e contávamos com o auxílio dos professores. Fiquei instigada a querer saber mais sobre essas dificuldades que as professoras que já estão na atuação docente encontram.

Acredito que a leitura de um artigo que tenha relatos de professoras que passaram por dificuldades e de como foram superadas, é importante para que tenhamos uma ideia de como podemos fazer futuramente se algum dia isso acontecer novamente. Pode ajudar a ter um preparo, há grandes chances de o ensino remoto estar mais presente a partir de agora, nas universidades, faculdades e escolas, nas instituições particulares a tecnologia já tem seu espaço ganho, já nas instituições públicas é algo não tão acessível.

O método utilizado para este artigo foi a pesquisa de campo, que segundo Gil (2002), a pesquisa focaliza em uma comunidade, podendo ser de trabalho, estudo ou voltada para qualquer outra atividade humana, baseada em observações das atividades do grupo

pesquisado. (Gil, 2002). Estes dados foram coletados em escolas da rede municipal de Criciúma/SC, utilizando-se entrevistas semi estruturadas.

O artigo está organizado com uma introdução, relatando os objetivos e problema da pesquisa, seguido do referencial teórico realizado através de artigos dos autores pesquisados. Na sequência apresenta-se a metodologia e análise dos dados da pesquisa, bem como a conclusão e referências.

2 DESAFIO DA PANDEMIA (COVID – 19)

Com o isolamento social as escolas e as famílias enfrentaram vários desafios, vieram as aulas remotas, o uso de ferramentas digitais para o processo de ensino e a desigualdade de acesso a novas tecnologias. Segundo Palú, Schutz e Mayer (2020), as escolas tiveram que encontrar maneiras para que o ensino pudesse ter continuidade, proporcionando para alunos e professores maneiras de interação entre si.

Mesmo aqueles professores que têm uma facilidade em usar estes meios tecnológicos, tiveram dificuldades, mas tiveram um grande aprendizado também. (CIPRIANI, MOREIRA, CARIUS, 2020). Os professores tiveram de se adaptar com seus alunos, criando novas estratégias para que conseguisse manter a atenção dos alunos.

Percebeu-se que os docentes, apesar das dificuldades, estavam adaptando-se à situação do distanciamento social. O estudo revelou novas aprendizagens com a suspensão das aulas presenciais e com a adoção de diferentes meios e recursos de trabalho para os alunos online. Neste caso, surgiram diferentes ferramentas e metodologias que ressignificaram as práticas pedagógicas e o incentivo à criatividade, foram reforçados no cotidiano educacional em tempos de pandemia (CIPRIANI, MOREIRA, CARIUS, 2020, p.9).

O professor necessitou reinventar sua prática pedagógica para dar sequência a aprendizagem, neste período foi necessário o uso de criatividade para conseguir lidar com as mudanças que surgiram com a pandemia, foi um monte onde docente e educando puderam aprender e ensinar juntos.

2.1 A EDUCAÇÃO NO MUNDO REMOTO E A FALTA DE RECURSOS TECNOLÓGICOS

Santos, Nascimento, Junior (2020), relatam sobre o uso da tecnologia na área da educação, as aulas remotas permitiram que o aluno na aula pudesse realizar tarefas de uma forma nova. As escolas tiveram vários meios para transmitir suas aulas e atividades, usando a criatividade de cada professor, mas os autores também dão ênfase na diferença entre aulas remotas e EAD. No ensino remoto é algo preparado para que tenha aulas online, com apostilas, e são aplicadas por plataformas digitais mas sempre acompanhando o período do ensino presencial. As aulas EAD têm o mesmo objetivo que a remota, porém, é pensada para garantir o ensino a distância em um espaço de tempo menor. Ao usar a tecnologia para permanecer ensinando, os professores tiveram que aprender ou reaprender, muitas vezes falar com a sala de aula com trinta alunos seja mais fácil que falar para uma câmera onde somente seus alunos a vejam.

O contato com os alunos se torna muito mais difícil pois Macedo (2020) diz que cerca de 58% dos estudantes relatam usar o celular para atividades escolares. O professor para não perder o contato com o seu educando encontrou um meio mais fácil e rápido para se comunicar, não tendo dia nem hora certa para atender os alunos. Para Santos e Junior (2020), as escolas evitaram que seus alunos fossem prejudicados por meio de implantações de estratégias, usando vários meios e plataformas digitais, compradas ou já disponíveis gratuitamente. Santos, Junior (2020) trazem algumas plataformas que as escolas utilizaram para que as aulas pudessem ser transmitidas em redes sociais, o uso do Google Classroom, Google Meet, grupos de whatsapp, materiais físicos impressos, entre outros.

Segundo Junior e Santos (2020), há casos de família com crianças em anos escolares diferentes e um único meio de acesso a internet, o celular por muitas vezes, um único aparelho para duas, ou mais crianças estudarem, isso dificulta o professor de avaliar igualmente todos os alunos da turma. Enquanto um aluno tem mais meios de acesso à tecnologia o colega tem que dividir um único aparelho com seus irmãos e muitas das vezes a sua localização não é favorecida com um sinal de internet realmente bom para fazer uma pesquisa de qualidade.

Paludo (2020) destaca que para o docente conseguir ter uma interação maior com seus alunos foi necessário procurar várias formas para que os alunos se sintam confortáveis, por exemplo, abrir suas câmeras, podendo ter uma experiência mais próxima. Esta interação com os professores se torna essencial, tenho como exemplos nós acadêmicos, que nos sentíamos mais acolhidos e mais confiantes para abrir a câmera ou até ligar o microfone expondo nossas dúvidas. Os professores utilizaram várias plataformas digitais, uma para vídeos aulas, outra para atividades diárias e outra para avaliações, sendo assim não tendo mais a pilha e pilhas e papéis em cima da mesa, porém, com os computadores cheios de arquivos para corrigir.

Paludo (2020) também lembra sobre como era vista a tecnologia antes da pandemia nas escolas, os professores tinham que competir com os aparelhos celulares na sala de aula pela atenção do aluno, não viam como uma ferramenta que poderia auxiliar no ensino, no início da pandemia iniciou um processo para os docentes, ver as plataformas digitais como ferramentas pedagógicas e como utilizá-las a seu favor.

A falta de recursos tecnológicos nas casas dos alunos e professores, fez com que estas dificuldades, que surgiram com a pandemia, ficassem ainda mais em evidência, ficando mais difícil o contato com os alunos. Com esta mudança alguns professores e até alguns alunos tiveram que comprar computadores, aumentar a qualidade da sua internet.

Em uma pesquisa realizada por Mourão (2020), relata que nas classes mais baixas o percentual de casas com o acesso à internet é de 50% e as famílias que possuem um computador é de 14%. Mas também não basta ter o acesso a internet e não saber utilizá-la. Esse acesso é desigual no nosso país, ficou ainda mais em evidência com a vinda da pandemia. Elias (2020), trás na sua pesquisa a desigualdade entre os alunos que também acaba afetando todo o trabalho pedagógico do professor, planejou atividades que pudessem ser realizadas usando várias ferramentas, para que todos os alunos pudessem ter acesso. Macedo (2020), comenta que a pesquisa Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) a educação tem o objetivo de compreender o uso da tecnologia nas escolas públicas e privadas.

Ficou ainda mais em evidência a falta de preparo das escolas em relação às tecnologias, são computadores que não funcionam, professores sem capacitação para ensinar a mexer nestes aparelhos e a falta de manutenção dos mesmos. A educação tecnológica nas redes públicas é deixada muitas vezes de lado, se esquece que a tecnologia pode se tornar um método

de ensino que auxiliaria ainda mais no nível de aprendizagem. O estudo de Macedo (2020), nos mostra que por mais que a internet tenha tido seu auge nos anos de 1990, infelizmente poucas pessoas conseguiram acesso, somente a classe média e alta, as classes mais baixas tiveram acesso a internet, computadores e aparelhos móveis a partir do ano de 2010, que parando para analisar não faz tanto tempo assim, fazem somente treze anos que as classes mais pobres começaram a ter acesso, é difícil acreditar que em 2020 ainda tínhamos famílias que sofreram por falta de recursos tecnológicos simples.

Para além da questão do acesso à internet, da adequação dos equipamentos digitais e da facilidade de manejar essas tecnologias, a disponibilidade de tempo, saúde e interesse dos familiares para acompanhar tais atividades constitui elemento central para um bom aproveitamento, revelando-se muito desigual (MACEDO, 2020, p. 274).

Macedo (2020) traz os problemas que as famílias enfrentaram juntamente com as aulas remotas, os pais tiveram que desdobrar sua atenção para os filhos, auxiliar nas atividades da escola, que muitas das vezes encontravam dificuldade em compreender, todas essas questões que trouxeram um desgaste psicológico, ficando ainda mais claro a desigualdade digital.

Olegário (2021) enfatiza que a educação pós-pandemia, relembrando o papel da educação. A educação com a vinda da tecnologia no tempo de pandemia precisou passar por transformações e de agora em diante ela precisa constantemente estar em movimento e em desenvolvimento para que sempre esteja atual na aprendizagem, pois seu papel é de sempre formar novas habilidades. As crianças que entraram nas escolas pós-pandemia saberão coisas que tempos atrás não aprendemos, pelo fato de que antes do ano de 2020 a tecnologia era vista como algo não adaptável para o auxílio na educação, precisamos sempre lembrar que a educação é o que levamos ao longo da vida e que precisa de renovação juntamente com os desafios que surgem de tempos em tempos, a escola deve se preparar pra essas mudanças, Olegário relata que “[...] preparando-se para as mudanças, sendo parte delas e não apenas como expectadores dessa revolução”. (OLEGARIO, 2021, p. 74). Logo, não devemos somente ver as mudanças acontecerem devemos entender e explorar como elas acontecem.

O investimento na área da tecnologia na educação é algo muito importante, pois como a educação forma o indivíduo para o mundo é importante que ela está atenda ao

desenvolvimento do mundo. Países superdesenvolvidos na educação são o exemplo disso, o Japão como exemplo de desenvolvimento e valorização da educação, ela é o principal pilar da transformação cultural, pois são as mudanças que fazem o mundo se desenvolver.

Nos tempos atuais temos a possibilidade de acessar qualquer tipo de informação através de um aparelho móvel, nem mesmo de um computador precisamos, são milhões de informações em um só local e ao mesmo tempo, tudo acontece em uma velocidade grande, “[...] estamos vivendo a era do imediatismo” (OLEGARIO, 2021, p.90). As coisas acontecem em um ritmo acelerado, por conta disto a aprendizagem acaba sofrendo uma turbulência, pois passa daquela questão do professor com seu livro com o conteúdo para a tela de um celular.

A tecnologia vem para facilitar a aprendizagem, não tem por onde escapar ela está presente em tudo a nossa volta, a educação precisa se adaptar para a nova geração que junto com ela vem todas as novas ferramentas, investindo na educação e tecnologia se investe também em uma qualidade de vida melhor e um futuro melhor.

O objetivo das práticas pedagógicas mesmo com toda esta mudança sempre continuará o mesmo, que é a junção de instrumentos que ajudam no auxílio do desenvolvimento da aprendizagem. A maneira em que estes instrumentos são expostos agora é que teve uma transformação, podendo pôr em prática todas as várias formas de metodologias no ensino remoto.

2.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO E SEUS EFEITOS NA SAÚDE DO PROFESSOR

Muitos destes docentes não tiveram um lugar específico que pudessem se sentar e planejar suas aulas com calma e praticar a docência com os alunos. Para Porfírio e Martins (2020), é necessário um ambiente adequado para que o professor possa dedicar sua total atenção naquilo que está fazendo/planejando. Unindo as tarefas de casa com o trabalho, o professor necessitou dobrar suas atividades para dar conta dos planejamentos didáticos e os afazeres de casa, muitas vezes com a falta de compreensão dos parceiros, isso se tornou ainda mais difícil principalmente para as mulheres, pois a cobrança é ainda maior. Para Márcio e Porfírio (2020), essas mudanças que o educador passou fez com que o mesmo adaptasse o seu cotidiano, sua rotina a uma nova maneira de trabalho.

À vista de tudo isso, a responsabilidade pela transformação do espaço domiciliar em posto de trabalho permanente para desenvolvimento do ensino remoto coube exclusivamente aos docentes. Do mesmo modo, todos os custos relacionados às condições materiais do trabalho e infraestrutura física, como computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, ficaram a cargo dos docentes (SOUZA, 2020, p. 5).

Além de toda a questão de responsabilidade sobre disponibilizar atividades com materiais de fácil acesso para seus alunos, o professor ficou responsável também por todo seu material de trabalho, como relata a autora Souza (2021). O professor que antes da pandemia trabalhava em um ambiente fora da sua casa com materiais acessíveis na escola sem envolver tecnologia teve que se adaptar, comprando microfone, uma câmera melhor, internet de qualidade e velocidade mais alta. Com todo este acontecimento os docentes sofreram com o excesso de trabalho e exigências ainda maiores que antes, sendo responsabilizadas por um futuro “fracasso” de seus alunos, exigências tanto vindas dos pais quanto da direção da escola onde trabalha. Souza (2021) diz que o estado psicológico dos professores já estava afetado, como o de todos por conta da COVID – 19 muitos dos professores pediram afastamento, ficaram doentes precisando utilizar medicamentos fortes. Foi com todas estas questões profissionais que houve um desgaste muito grande por conta do excesso de trabalho.

Souza (2021) traz que nesta área as mulheres sofrem mais, pois, além de toda a adaptação do trabalho docente, teve que dividir seu espaço doméstico com seu espaço de trabalho. Sabemos que a mulher enfrenta um grande dilema, pois ainda existe uma divisão de tarefas domésticas não justas, ainda mais quando se tem filhos. A mulher sempre fica responsável pela maior parte das tarefas de casa, ficando exaustivo a sua rotina no período de pandemia. Além de Souza (2021), Ferreira (2014) traz também a questão do gênero. Na pesquisa mostra que dos entrevistados 63,38% eram casados, para mulheres além do trabalho docente que levam para casa também tinham as atividades domésticas que ainda se acredita que seria de responsabilidade total da mulher.

Com este formato de trabalho, remoto, pode-se perceber que as questões psicológicas ficaram abaladas, a autora relata que é preciso estar alerta a saúde mental dos docentes, pois trouxe um depoimento de uma professora que diz “Tenho tido ansiedade, picos de pressão. Já dei aula parando para vomitar por conta da hipertensão, dores de cabeça e náuseas que tenho tido regularmente. Muita pressão por todos os lados. Já cheguei a gravar oito vídeos

por dia. Me sinto usada.” (SOUZA, 2021, p. 8). Por trás desta fala muita angústia, uma busca pelo trabalho perfeito, que seja do agrado de todos, longos dias de trabalhos com dores físicas. No encontro com o desconhecido, com o novo, acabaram desencadeando crises de ansiedade, crises de pânico, aprendendo a lidar com estas novas situações.

É necessário um acolhimento e compreensão de todas as partes, uma compreensão com os professores e restante de profissionais que trabalham nas escolas foi um momento de aprendizagem para todos. Professores e professoras de Macaé saíram em defesa à saúde com a greve virtual que aconteceu em 15 de junho de 2021:

Muitos são os fatores associados ao trabalho remoto que suscitam resistências e questionamentos de professoras e professores em cenário de pandemia que podem ser interpretados como estratégias coletivas de defesa da saúde, um exemplo é a greve virtual empreendida desde 15 de junho do corrente ano, pelo Sinpro Macaé, no contexto de pandemia e isolamento social (SOUZA, 2021, p. 9).

Em meio a tudo isso, a preocupação em relação a COVID – 19, ainda tiveram que lidar com a questão de ter que adaptar as novas mudanças, mas toda situação tem dois lados, tiveram coisas boas, com as dificuldades tiveram muitas aprendizagens e superações. Muitos saíram da sua zona de conforto para enfrentar algo totalmente novo, para muitos, tendo que lidar ainda com o trabalho profissional e o doméstico que pelo fato de estar em modo remoto tudo acaba se entrelaçando.

Certamente todas as questões que vieram à tona por conta da COVID – 19 afetaram bastante a todos, mais Olegário (2021), relata que, “O que o ano de 2020 certamente trouxe de aprendizado, diante da pandemia da COVID-19, é que mais uma vez fomos colocados à prova por uma adversidade que modificou até o nosso jeito mais simples de interagir em sociedade” (OLEGARIO, 2021, p. 197). Colocados a prova a todo instante, com a questão profissional e pessoal, tivemos que proporcionar de nossas casas a mesma produtividade que presencialmente. Ter uma interação ainda maior com nossos familiares, por mais que pensássemos que já havia uma interação. Descoberta de coisas além do que já se sabia.

O mundo não será mais o mesmo e nem podemos mais nos comportar da mesma forma depois dessa pandemia. Por bem ou por mal, ela nos trouxe a oportunidade de reaprender alguns valores que estavam esquecidos ou em segundo plano e, por mais

dolorosa que seja, nos possibilitou entrar em contato com experiências digitais enriquecedoras que facilitam a aprendizagem (OLEGARIO, 2021, p. 201).

O mundo todo foi afetado pela pandemia, professores, gestores, pais, filhos entre outros milhares, todos puderam aprender coisas muito importantes, como relata Danilo (2021), conhecimentos enriquecedores, experiências que vão poder ser úteis daqui para frente. Com todo este tempo de isolamento social o tempo com o próximo também fez muita diferença, tanto para valorizar a presença do próximo como para valorizar o momento sozinho.

Ferreira (2014) traz no seu artigo que a síndrome de Burnout tem causado nos professores um alto nível de estresse, trazendo dificuldades na sua área de trabalho como exaustão emocional e física, perda do sentimento de realização no trabalho, baixa produtividade. Cerca de 92% dos docentes apresentam sinais de estresse extremo, a profissão do professor é considerada a mais estressante, causando mais doenças como a síndrome de Burnout.

Na pesquisa feita foram entrevistados 52 mil docentes, e foi relatado que cerca de 50% desses professores apresentam síndrome do Burnout, um dos fatores que levam é a sobrecarga da extensa jornada de trabalho com mais de 60 horas por semana. O pensamento de desistir da profissão também vem muito forte na mente destes professores, juntamente com um sentimento de desânimo, causado pela desvalorização da profissão.

Segundo os docentes, os principais fatores que levam ao desenvolvimento do estresse são as preocupações com o desenvolvimento acadêmico, a insatisfação com o salário, condições de trabalho adversas, indisciplina dos alunos, falta de participação dos pais e a desvalorização da carreira do magistério, sem possibilidades de progredir (FERREIRA, 2014, p.989).

Como há professores que pensam em desistir existe também aqueles que pensam ao contrário, a aposentadoria pode ser um motivo que influencia a não desistir da docência. Na pesquisa de Ferreira (2014), foram no total de 180 entrevistados, mais somente 71 deles foram respondidos. Destes 71, 45,09% trabalham em dois turnos e 13,72% em três turnos, levando assim a sobrecarga de trabalho. A desvalorização do trabalho docente apresenta-se de vários lados, um deles é a questão salarial, sendo que, com um salário baixo o professor acaba desdobrando-se para trabalhar em mais turnos para que seu salário seja melhor. Ferreira (2014)

relata na sua pesquisa que 21,56% dos profissionais entrevistados além da profissão de docente também fazem outro tipo de trabalho remunerado.

As pesquisas feitas contém toda uma relação de dados elaborados pelos autores e autoras, que trazem experiências e dificuldades de professores de várias redes de ensino de outros estados, no período da pandemia. Criando assim uma ligação com o objetivo deste artigo, que trata sobre as dificuldades dos professores do município de Criciúma/SC.

3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada a partir da entrevista semiestruturada com cinco professoras que atuam na educação básica e que no ano de 2020 estavam em sala de aula. As entrevistas foram previamente agendadas com as professoras diretamente nas escolas. As entrevistadas permitiram que o diálogo entre a pesquisadora e a entrevistada fosse gravado em dispositivo de celular. Após as entrevistas realizadas buscamos transcrevê-las em um outro arquivo de Word com 8 páginas. Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, fizemos a opção de trabalhar com nomes fictícios. Após a leitura dos dados de pesquisa, organizamos a análise considerando três blocos de análise.

3.1 O PAINEL DOS SUJEITOS PESQUISADOS

Quadro I: Perfil dos sujeitos

Sujeitos	Formação	Modalidade	Turma	CH	Computador/ internet em casa	Computador/internet na escola
Marta	Pedagogia	Distância/EAD	4ºano	40h	sim	Não
Ana	Pedagogia	Semipresencial	5ºano	40h	sim	Internet sim, computador não
Maria	Pedagogia	Presencial	2ºano	40h	sim	Somente internet
Isabel	Pedagogia e História	Semipresencial	1ºano	40h	sim	Somente internet
Alice	Pedagogia	Presencial	EI VI	30h	sim	O computador fica trancado.

Fonte: Dados de pesquisa 2022

Neste quadro temos a relação das cinco professoras entrevistadas, já com seus Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, nº1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

respectivos nomes fictícios. O quadro está separado por seis colunas com informações que dizem respeito sobre a formação, a turma que trabalha, a carga horária, acessibilidade, computador e internet.

As cinco professoras são formadas em Pedagogia, sendo uma delas com formação em História também. As formações acadêmicas de duas professoras foram presenciais, de outras duas foi semipresencial e uma delas concluiu sua graduação de modo à distância, ou seja, EAD. As turmas em que as professoras trabalham são do ensino fundamental I, quadro delas trabalham de 1º, 2º, 4º e 5º ano e a quinta professora trabalha com a educação Infantil grupo VI. São quatro que têm carga horária de 40 horas e a quinta professora com 30 horas. Todas as entrevistadas possuem computador com internet em casa e todas relataram que na escola somente se tem acesso à internet.

3.2 O TRABALHO PEDAGÓGICO EM TRANSFORMAÇÃO

Neste bloco apresentaremos sobre a transformação do trabalho pedagógico das professoras entrevistadas, trazendo os relatos sobre o retorno das atividades, quais as suas estratégias, o que ficou pós-pandemia, como superaram suas dificuldades e quais foram elas.

Cipriani, Moreira e Carius (2020) os professores tiveram que passar por várias adaptações para que conseguissem manter o ensino dos seus alunos em dia no período de pandemia. Por mais que tivessem dificuldades tiveram muito aprendizado também, principalmente pelo meio tecnológico, passaram a utilizar várias outras ferramentas como comenta as Professoras Marta e Alice em seus relatos:

Eu busquei informações com outros colegas, que a gente tinha contato pelo WhatsApp alguns colegas a gente trocou ideias (Professora Marta).

Muitas conversas e trocas de conhecimentos com colegas, um ensinava o outro (Professora Alice).

Mourão (2020) em seu artigo afirma que não basta ter o acesso e não saber utilizá-lo, o letramento digital acontece quando se sabe utilizar estes recursos. Algo que ressaltou nas entrevistas foi a ajuda dos colegas de trabalho. Os professores entre eles conseguiram montar uma rede de apoio, onde aquele que sabia um pouco mais sobre tecnologia auxiliava aquele que

era iniciante ainda. Além desta rede de apoio os professores encontraram estratégias que estivessem ao seu alcance para manter o interesse dos alunos pelos conteúdos que o mesmo iria ter que passar, a estratégia mais citada pelas professoras foi a gravação de vídeos, para ficar mais ilustrativo para seus alunos. Os professores utilizaram várias plataformas digitais, uma para vídeos aulas, outra para atividades diárias e outra para avaliações.

Eu me gravava fazendo o som das letras e mandava e colocava na aula as minhas gravações, eu gravava somente a minha mão, fazendo a atividade ali explicando o conteúdo (Professora Maria).

Gravo um vídeo explicando ou uma vídeo chamada, mais muitas vezes não recebia respostas. (Professora Isabel)

Uma das estratégias que usei em relação aos pais que estavam apavorados e não achavam necessário que o filho estudasse naquele momento foi conversar, procurar entender, escutar mesmo (Professora Alice).

Aprendi a fazer vídeo aula no meet ai duas vezes por semana eu fazia vídeo aula com eles online que daí eles eram obrigadas a me responder as coisas a gente fazia a correção das atividades assim daí foi onde eu consegui puxar eles mais pra mim que daí eles tinham que fazer eles faziam na minha frente a gente questionava eles respondiam ali eu consegui ver que alguns estavam conseguindo (Professora Ana).

Paludo (2020) diz que os docentes utilizaram várias plataformas digitais, para ter acesso ao seu aluno. As Professoras Alice e Ana relataram outras estratégias, Professora Alice citou a conversa com os pais algo importante para que os mesmos acalmassem, para que se sentissem ouvidos e compreendidos, pois não eram somente os filhos que estavam com dificuldades, os pais também tiveram muita dificuldade em compreender que naquele momento os professores dos filhos estavam sendo eles mesmos, e que muitas vezes o próprio pai ou mãe pedia explicação para a professora para que pudesse explicar para o filho. Já a professora Ana achou uma maneira de ter o retorno dos seus alunos fazendo encontros online pelo Meet, conseguindo assim ver e ouvir todos aqueles que pudessem participar do vídeo aula.

Macedo (2020) relata que o contato com os alunos se torna mais difícil pois muitas vezes os alunos não têm acesso a computador e internet, o estudante tem somente o celular para as atividades da escola. E para que os professores não perdessem o contato com seus alunos acabaram aumentando sua carga horária de trabalho. Para evitar que seus alunos fossem prejudicados, os professores se disponibilizaram a qualquer hora do dia para sanar as dúvidas

dos alunos e dos pais. Trazendo assim a angústia de não ter a certeza que os alunos estivessem realmente aprendendo.

Eu tive que montar grupo, acho que todas montaram grupo de WhatsApp, coloquei um chip com um número único pra isso e os pais chamavam a gente no WhatsApp a qualquer momento, era de dia de noite (Professora Maria).

Em casa os pais chamavam assim de manhã, de tarde e a noite, principalmente a noite, aí assim é como se a nossa carga horária tivesse dobrado, talvez não dobrado mas cinquenta por cento vamos dizer assim (Professora Marta).

Junior e Santos (2020) dá ênfase para o caso de famílias que tem vários filhos e que no período de pandemia tiveram que dividir um único aparelho celular para seus dois, três filhos e muitas vezes esses filhos estavam em anos escolares diferentes, o professor não conseguiu avaliar todos os alunos igualmente. Um exemplo, em uma turma de vinte e cinco alunos, do terceiro ano. As professora pegam as atividades para avaliar a aprendizagem dos alunos e um aluno em específico fez pela metade sua atividade, mas este mesmo aluno tem um irmão mais novo, do primeiro ano, sabendo disso ainda assim entra em contato perguntando se ficou alguma dúvida sobre a atividade feita pela metade e o aluno diz que não conseguiu fazer a pesquisa pois seu irmão estava utilizando o único aparelho celular dos pais.

Como o docente sabendo disso vai avaliar como bom ou ruim aquele aluno que tem acesso livre, pois é filho único e os pais têm mais condições para aquele aluno que não teve como fazer, pois, teve que dividir o celular com o irmão.

O relacionamento com os pais teve uma melhora porque eles conseguiram perceber que é importante o professor eles tinham que ajudar os filhos em casa eles tinham que participar mais (Professora Ana).

Eles acham que ainda continua o mesmo sistema remoto de 2020, tem criança que falta uma semana inteira, eles não tão nem aí, e dizem assim a professora manda as atividades pra casa, eu não mando porque agora é presencial e não remota (Professora Isabel).

E quanto ao auxílio da tarefa, muitos pais acreditam que a educação do filho é algo que deve ser feito na escola (Professora Alice).

O relato da professora Ana traz algo positivo, pois trouxe a questão onde os pais reconheceram que sim o professor é importante na educação dos filhos. Já no relato da

professora Alice ela diz que os pais ainda acreditam que a educação é, e deve ser feita na escola, sendo de responsabilidade da professora ensiná-lo. A Professora Isabel já traz um relato de como os pais estão reagindo pós pandemia, os pais ainda acham que estão no ensino remoto, pensam que não tem importância se o estudante faltar e que é somente pedir para mandar as atividades para a casa. Aparece nos relatos também a preocupação do aluno realmente estar aprendendo e a preocupação do atraso do ensino em um todo. A recuperação deste um ano e meio parados vai ser dolorosa para os estudantes e cansativa para os professores, cansativa e frustrante, pois os esforços são grandes e os resultados são lentos.

Paludo (2020) realça a questão que os professores para ter uma interação maior com seus alunos procuraram várias formas para que isso fosse possível. Como era vista a tecnologia antes da pandemia, era uma competição entre professor e celular, pela atenção dos estudantes. Todas as professoras relataram que no início foi algo muito difícil sentar e preparar as aulas, e depois postar para os estudantes. Aprender de uma hora para outra algo que antes não era necessário saber, não era utilizado. Para poder desenvolver as atividades os professores tiveram que fazer muitas pesquisas, a pesquisa foi algo muito importante naquele momento, na vida do docente. Pesquisaram coisas novas e atuais que pudessem ajudar seus alunos, já que não estavam presentes para manter a atenção dos alunos.

Mais atividades práticas, mais brincadeira então isso também dificultou o retorno dos pais porque ai alguns pais que até faziam mais não filmavam porque a gente pedia esse retorno assim, se era uma brincadeira filma a criança brincando, mais ai tem pais que não tem esse, assim como nós tivemos dificuldade os pais também tiveram (Professora Marta).

Bastante complicado porque a gente não tinha muito conhecimento em mexer com o sistema e tudo e ali complico bastante a gente teve que aprender de uma hora pra outra pra poder trabalhar com as crianças online (Professora Ana).

As dificuldades citadas pelas professoras são diversas, claro que uma grande parte envolve a questão tecnológica. Como por exemplo, a plataforma que foi disponibilizada para a postagem das atividades, o *classroom*, professora Maria relata que fez pesquisas para aprender a mexer na plataforma. O retorno das atividades também foi uma grande dificuldade, fazendo com que os professores trabalhassem ainda mais, por mais horas por dia para que garantisse a aprendizagem, ou uma tentativa, dos seus alunos.

Para desenvolver estas atividades tive que pesquisar bastante porque a gente tinha que dá o conteúdo, eu pesquisava vídeos que pudesse explicar o conteúdo quando era conteúdo novo (Professora Maria).

Foi bem difícil, bem complicado as crianças não aprenderam, atraso o ensino deles, o aprendizado deles ficou bem prejudicado (Professora Isabel).

Por mais que eu já fosse navegante da Internet, nossos alunos e pais não tinham o hábito de escrever na tela ou no computador. Outra questão era a que os pais ou cuidadores dos menores tinham que ler, juntar materiais, mando alguns jogos e por mais simples que fosse eles sentiam que estavam sendo os professores de seus filhos e se negavam a isso. Tínhamos que conversar, explicar e também procurar elaborar atividades que não exigissem muito dos pais (Professora Alice).

Nos tempos de hoje temos como ter acesso a qualquer tipo de informação a qualquer momento, segundo Olegario (2020), vivemos no tempo do imediatismo, onde temos toda informação na palma das nossas mãos. Tudo acontece em um ritmo acelerado, pois é mais prático utilizar um aparelho celular para obter alguma informação do que procurar em algum livro. Os professores sentiram muita dificuldade em relação ao tecnológico, mas encontraram diversas maneiras de se adaptar a elas. Estas dificuldades surgiram durante a pandemia, pois antes não se usava a tecnologia da mesma forma na educação.

3.3 DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Este bloco irá relatar os desafios na prática pedagógica. Como aconteceram, de que forma surgiram, quais foram os principais. Quais desafios as professoras não conseguiram romper e o que ficou pós-pandemia, qual a sequência. Porfírio e Martins (2020) trazem algo muito importante, como o ambiente adequado para que o professor possa planejar suas aulas com calma. Essas mudanças que ocorreram de forma rápida fizeram o professor adaptar o seu trabalho com o seu cotidiano em casa.

Os desafios que as professoras tiveram dificuldades para romper foram diversos também como: algumas ainda têm facilidade em postar, conseguem, mas ainda levam um tempo a mais para conseguir postar tudo. A falta de recursos dos alunos dificultou o retorno da aprendizagem, isso está afetando até mesmo pós-pandemia, com isso vem à falta de interesse dos alunos que muitas vezes em casa fazia as atividades era algum responsável, voltaram acomodados, tanto os pais quanto os estudantes. Uma professora relata que a conversa com os

pais ficou mais difícil e é algo que ela ainda não rompeu, talvez pelos pais não estarem tão presentes na educação do filho, se tornando pior que antes.

Foi um desafio porque a gente não estava acostumado a atender os pais pelo computador atender os pais pelo whatsapp, era mais o contato mesmo físico aqui na escola, mais pelo whatsapp e pelo classroom ali bem mais difícil, aí a gente tem muitos pais que também não tem acesso, ficou bem complicado (Professora Marta).

A gente mandava atividades só que agente e não sabia se realmente o aluno estava fazendo os pais estavam fazendo o irmão estava fazendo e isso complicado bastante porque a gente não tinha certeza, não tinha um retorno (Professora Ana).

A tecnologia pra mim, pra mim como que foi, eu tive que pesquisar pra saber como que eu ia montar vídeos, montar powerpoint dentro da plataforma que foi oferecida, o classroom, como que se fazia ali dentro (Professora Maria).

O que afetou mais foi a falta de recursos dos alunos, porque na escola particular por exemplo eles tem acesso, eram live todo dia não uma vez por semana como foi na pública (Professora Isabel).

O grande desafio era não ter um computador que permitisse trabalhar várias horas por dia. O meu tinham mais de dez anos e não tinham como comprar um bom no momento (Professora Alice).

Mourão (2020) traz em várias das suas pesquisas que a falta de recursos nas casas, tanto do estudante quando de docentes dificulta ainda mais o trabalho do professor, ela diz que ficaria mais fácil o contato do professor com o aluno, mas isto não aconteceu, segundo algumas professoras deve uma piora nesta relação entre escola e pais. Souza (2021) relembra que antes da pandemia o professor trabalhava fora do seu ambiente de casa, com materiais mais acessíveis, sem envolver tanto a tecnologia no seu trabalho.

O uso da tecnologia foi a maior dificuldade, maior desafio e que eu ainda não consegui aptar assim, eu tenho ainda dificuldade para trabalhar com as mídias, pra colocar e posta as coisas eu ainda tenho dificuldade eu consigo mais ainda tenho dificuldade não é aquela coisa de tu chegar lá e dez minutinhos pronto esta, postei tudo. (Professora Marta).

Vontade de aprender que eles não têm mais essa vontade. É uma minoria mais existe eles tinham os pais ali de repente estavam fazendo pra eles e agora eles têm que fazer porque eles estão na sala de aula então tem muitos que, eu tenho aluno que não sabe ler e está no quinto ano que não sabe fazer uma continha de adição e subtração (Professora Ana).

Olha, dentro da tecnologia algumas né porque claro que eu não aprendi tudo então tem coisas que eu ainda não sei fazer e agora não precisa correr atrás disso né, não

preciso mais desse instrumento né, hoje em dia o que eu uso de internet é o que eu sempre usei é pesquisa é vídeos pra passar para as crianças é fácil é simples, não me lembro de ter alguma dificuldade assim que eu não consegui vencer né (Professora Maria).

Há dois relatos específicos, uma professora diz que o que ela não aprendeu ela não precisa mais correr atrás, pois não será mais necessário pois não será mais preciso usar a tecnologia da forma que foi em 2020. A segunda professora relatou que o gasto fora do esperado, que teve que fazer a aquisição de um aparelho de celular melhor para poder se comunicar com os pais, fazendo uma dívida que até pouco tempo atrás ainda estava pagando.

As professoras relataram também quais foram os pontos positivos e os pontos negativos dos pós-pandemia. Os pontos negativos mais uma vez a falta de interesse dos alunos, uma defasagem dos conteúdos, uma sequela que ficou e que segundo algumas professoras para se recuperar demora muitos anos:

A dificuldade que não consegui romper e que piorou foi em relação aos pais, porque não adiantava ficar madrugando planejando atividade diferenciada, aprendendo a gravar vídeos para facilitar para as crianças e os pais continuarem empurrando com a barriga (Professora Isabel).

Tudo é uma questão de aprendizagem e adaptação. Consegui um computador emprestado pela escola para trabalhar, comprei um celular, fiquei horas em cursos e aprendendo a usar ferramentas tecnológicas (Professora Alice).

Com o formato remoto, muitos professores que estão sofrendo com sua saúde mental abalada, Souza (2021) diz que precisamos ficar mais atentos às questões mentais dos docentes, as questões psicológicas sofreram um abalo grande com a COVID-19. Trouxe relato de professores que sofreram com crises de ansiedade e com sentimentos de angústia e crises de pânico. O novo trouxe medo de não dar conta.

Uma questão que ficou foi a saúde do professor que afetou bastante, uma professora relata que entrou em depressão no início da pandemia por não poder ver mais seus alunos e pela preocupação de não saber se o seu trabalho estava sendo em vão ou não. Danilo (2021) diz que os conhecimentos que tivemos na pandemia são enriquecedores e que vão valer a pena lá na frente, a última professora, Alice, nos traz algo positivo, que o que aprendemos na pandemia, em geral, tecnologia, sobre a vida sobre o outro isso ninguém irá tirar de nós. Olegario (2021)

traz em seu artigo que a educação pós-pandemia deve se adequar a trabalhar com o auxílio da tecnologia, as crianças que entraram na escola depois da pandemia já se depararam com mais tecnologia, diferente de antes.

Então fico assim essa defasagem de conteúdo, as crianças voltaram com muita dificuldade ainda estão assim, pulo etapas. Isso deixa a gente angustiado, ansioso, necessitando de terapia é bem puxado a gente tem que ter uma estrutura emocional bem boa porque a gente adoece muito fácil (Professora Marta).

Lado ruim é que o aluno ficou mais desinteressados, porque antes eles estavam seguindo um ritmo a gente os puxava, hoje é muito mais fácil pedir pra mãe fazer (Professora Ana).

Foi bem estressante no começo da pandemia eu entrei em depressão, primeiro porque eu não podia mais ver os alunos eu tive ali uns dois meses por causa da situação, em depressão mesmo e depois continuo a preocupação e frustração porque eu sabia que tudo aquilo que eu estava fazendo por mais que eu tentasse fazer o melhor não ia resolver nada não ia adiantar porque as crianças não conseguiam ter o acesso bom pra ver vídeos pra fazer as atividades na própria plataforma e eu sabia que não ia ter resultado então era frustrante, trabalhamos mais trabalhamos praticamente em vão (Professora Maria).

Vai ficar uma sequela bem grande, bem grande mesmo. Eu tenho alunos que já estão despertando pra leitura, mais a metade não está, não adianta tentar tampar o sol com a peneira (Professora Isabel).

O que aprendemos naquele momento ninguém tira de nós. Isso é positivo. A sequela ruim para mim foi o estresse daquele momento. Acordava e trabalhava até as 22:00. A saúde ficou prejudicada. Então a maior sequela foi minha saúde (Professora Alice).

Olegario (2020) traz mais uma vez um ponto positivo em meio a pandemia da COVID-19, não somente em relação à educação mais ao todo, colocados à prova de um novo modo de fazer as coisas, mudando até mesmo o modo em que convivemos entre sociedade. O ano de 2020 trouxe ensinamentos e experiências. O uso das plataformas foi uma dificuldade que os docentes encontraram e que muitos dizem achar difícil de superar. O grande ponto negativo foi a relação entre pais e escola, que tornou ainda mais difícil manter os pais próximos à escola.

4 CONCLUSÃO

Mediante a toda a análise feita dos dados coletados da pesquisa, retomamos o objetivo inicial, a questão problema deste artigo. O objetivo foi descobrir quais os desafios os professores encontraram durante o período pandêmico. Verificando quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes no que se diz a respeito do processo de aprendizagem de seus alunos, a relação entre família e escola, a tecnologia na hora de planejar suas atividades pedagógicas.

Após a análise do questionário respondido pelas professoras, percebemos que a questão tecnológica foi uma das dificuldades que mais se destacou na fala das entrevistadas, esta dificuldade proporcionou também aos docentes uma busca por novos conhecimentos, onde tiveram que fazer pesquisas para aprimorar a sua prática, sendo assim contribuindo também para a aprendizagem dos alunos. A tecnologia mesmo sendo uma dificuldade, ela se tornou a maior aliada das professoras, pois, utilizaram várias ferramentas para continuar o seu trabalho pedagógico.

Porém, diante da realidade das entrevistadas, o obstáculo que encontraram foi a falta de acesso a tecnologia dos alunos, assim ficando difícil o retorno dos estudantes, com isso a dificuldade de avaliar surge. Houve uma angústia por parte das professoras, por não terem a certeza de que seu aluno estava aprendendo ou até mesmo por não poder naquele momento estar junto a sua turma. As estratégias que as professoras utilizaram foi muita pesquisa para aprimorar seus conhecimentos e gravação de vídeos para facilitar para os alunos.

As dificuldades que as professoras não conseguiram romper está relacionada a tecnologia, ainda sentem dificuldade em fazer postagens, mas o ponto positivo é a aprendizagem adquirida durante este período pandêmico, o que foi aprendido pode ser utilizado daqui para frente para aprimorar suas aulas, mesmo que presencias. A questão problema inicial deste artigo foi respondida, a maior dificuldade que os professores encontraram foi a questão da tecnologia, envolvendo a postagem das atividades pedagógicas para seus educandos, a conversa com os pais que em alguns pontos se tornou mais difícil e o retorno das atividades dificultando a avaliação do professor.

REFERÊNCIAS

- CIPRIANI, Flávia Marcele *et al.* Atuação Docente na Educação Básica nos tempos de pandemia. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/tqLcF8PZfsBxsf3ZKpyM9N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- FERREIRA, Alberto. SANTOS, Douglas. RIGOLON, Rafael. **Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de Burnout em professores de escolas públicas e privadas**. Revista brasileira de educação. V. 19, n. 59. P. 987 – 1002. 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdade digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/SGqJ6b5C4m44vh8R5hPV78m/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- OLEGARIO, Danilo. **Educação pós-pandemia: a revolução tecnológica e inovadora no processo da aprendizagem após o corona vírus**. São Paulo: Edições, 338 p. 2021.
- PALÚ, Janele; SCHUTZ, Jenerton Arlan; AYER, Leandro (org.). Desafios da Educação em tempos de pandemia. **Ilustração**, Cruz Alta Brasil, p. 1-325, 2020.
- PALUDO, Elias Festa. Os desafios da docência em tempos de pandemia. **Em Tese**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 44-53, 2020.
- SANTOS, Remilda Porfírio dos; NASCIMENTO JUNIOR, José Márcio Martins. As dificuldades e desafios que os professores enfrentam com as aulas remotas emergencial em meio a pandemia. **Educação Como (Re) Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**, Maceió, p. 1-12, 2020.
- SOUZA, Kátia R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. Trabalho, Educação e Saúde, v. 19, 2021.